

**A DISCRETA ALIANÇA:
A IMPRENSA PORTUGUESA E A INGLATERRA
NO TRICENTENÁRIO DE CAMÕES**

*Marco António Franco Neves
Universidade Nova de Lisboa*

Propomo-nos, neste artigo, analisar brevemente a forma como a Inglaterra e as relações anglo-portuguesas foram encaradas pela imprensa portuguesa a propósito do tricentenário da morte de Luís de Camões, comemorado em 1880.

Tendo sido o centenário uma ocasião em que Portugal reflectiu sobre si próprio (em especial, na imprensa, como organizadora auto-proclamada do evento), à luz duma grandiosidade que via espelhada no poeta e pretendia ver renascida naquele final do século XIX (depois de séculos de decadência iniciados justamente com a morte do Bardo português), seria de esperar uma multiplicidade de referências à Inglaterra e às relações com este país, visto ser aquele o mais antigo aliado de Portugal e aquele que lhe tinha permitido manter a independência. Por volta de 1880, estávamos ainda longe dos acontecimentos que rodearam o Ultimatum e do ódio anti-britânico que então inflamou os portugueses; assim, presumir-se-ia que as referências ao Aliado seriam variadas e ocupariam um lugar de destaque em comparação com os vários países com os quais Portugal mantinha relações. Esta é a hipótese com que trabalharemos, tentando confirmá-la ou recusá-la e perceber as causas dessa confirmação ou recusa.

Antes de passarmos à Inglaterra e à sua imagem nos periódicos portugueses da época, debrucemo-nos rapidamente sobre as comemorações camonianas de 1880, acontecimento que teve um eco assinalável na altura, não só em Portugal, como em vários países do Ocidente (incluindo, obviamente, a Inglaterra).

Nos anos anteriores ao centenário, Camões tinha sido trazido para o centro das atenções dos portugueses e tinha sido usado como meio de expressão de certas ideias sobre o país e o futuro do mesmo. Se, em 1867, aquando da inauguração da estátua ao poeta em Lisboa (perto do Chiado), as cerimónias foram quase exclusivamente oficiais, com pouco entusiasmo popular — apesar de o autor d’*Os Lusíadas* ser já então considerado o grande génio da nacionalidade —, em 1880 tiveram não só uma extraordinária participação popular, como também um carácter significativamente semi-oficial. Entre as duas datas, acentuou-se o sentimento de crise nacional, aumentou a impressão de contraste entre a grandiosidade passada e a decadência presente, enquanto vários intelectuais e movimentos (em que se destacavam vários republicanos) tentavam fazer passar a imagem de Camões como o exemplo a seguir pela nação, o catalizador da recuperação nacional.¹ Na pintura deste quadro santificador do considerado génio da Pátria, tiveram muita influência vários republicanos, que viam em Camões o santo secular duma religião civil, dentro do “empenho [dos discípulos portugueses de Comte] na edificação de uma galeria hagiográfica de ‘grandes homens’ posta ao serviço do reforço de um novo consenso social e nacional” (Catroga). Se os republicanos apostavam numa diminuição da importância da religião oficial na vida pública, sabiam da “importância de ritualizar a invocação (e a evocação) do passado” (*idem*), num contexto em que os centenários assumiam um relevo muito especial.

Assim, quando se chega ao fim da década de 70 do século XIX, rodeavam a figura de Camões conotações de republicanismo (claramente abusivas) ou, pelo menos, afastamento em relação à autoridade monárquica. Isto não impedia que Camões fosse ainda objecto de consenso nacional, aliás, um consenso mais entusiástico que em 1867 — dava apenas a este consenso um certo travo de crítica às entidades governativas, incapazes de pôr em marcha a supostamente necessária regeneração nacional. Para isto contribuiu o inteligente sublinhar de certas facetas do carácter (muito mitificado) de Camões: a sua imagem de “vítima invencida dos áulicos do Paço, imagem e símbolo dos valores preteridos e esmagados pelo favor injusto, além de cantor das glórias nacionais, realizadas no meio das dificuldades espantosas, e enfrentando deformações que, embora algumas

¹ Como exemplo, podemos citar a obra de Oliveira Martins *Os Lusíadas — Ensaio sobre Camões e a sua obra em relação à sociedade portuguesa e ao movimento da Renascença* e vários artigos e intervenções de Teófilo Braga, considerado o grande responsável pela mudança de atitude face a Camões.

vezes o desorientassem, nunca tinham conseguido esmagar o seu génio português” (Macedo 335-336).

Chegados a 1880, a inevitabilidade de se comemorar o centenário era evidente. Mas não seria já uma festa meramente oficial. Com as conotações que o poeta entretanto ganhara, o Governo ficara com pouca vontade de organizar as comemorações. Se uma comemoração organizada apenas pelos opositores ao regime não teria grande impacto social, o mesmo aconteceria se fosse organizada pelo regime, como a inauguração de 1867. A forma de que esta se revestiu foi um meio-termo bastante equilibrado: uma comissão reunindo representantes da imprensa portuguesa organizou as celebrações em Lisboa, dando-lhes um carácter festivo, solene e semi-oficial. Assim se tentou agradar a todos, sem deixar que ninguém perdesse a face. O Governo participou discretamente, como lhe competia, enquanto a oposição republicana continuou a ver em Camões um herói à sua medida, e o resto da nação, por vezes sem consciência das manipulações ideológicas por trás do uso da imagem de Camões, via no poeta o herói nacional, o exemplo duma grandiosidade portuguesa que urgia recuperar.

O facto de ser a imprensa a organizar o evento (ou melhor, os eventos, pois as comemorações estenderam-se por três dias e rodearam-se de uma panóplia de acontecimentos) contribuiu para que estas tivessem uma difusão pouco habitual para festividades da época, culminando no cortejo cívico do dia 10 de Junho de 1880, que juntou, segundo os relatos da época, perto de duzentas mil pessoas nas ruas de Lisboa. De salientar que a imprensa adquirida havia poucas décadas uma difusão popular muito acentuada, tendo surgido periódicos (como o *Diário de Notícias*) que aliavam uma grande circulação a uma suposta imparcialidade política (que ajudava a ter uma audiência maior e mais diversificada — até então a grande maioria dos periódicos tinham orientação política não dissimulada). A forma como as comemorações encontraram eco na sociedade portuguesa pode ser vista nos relatos das preparações para o centenário nos vários periódicos e mesmo na publicidade inserta nos mesmos. Além disso, a publicação de livros, programas, números especiais, etc. prova a forma entusiástica como o Tricentenário centrou as atenções dos portugueses durante o primeiro semestre de 1880. Multiplicavam-se, nos periódicos e nas publicações relacionadas com o acontecimento, as exortações emocionadas à Pátria, à recuperação nacional, à homenagem ao poeta, identificado com a própria portugalidade, entre outras aclamações entusiasmadas e, muitas vezes,

repetitivas. O programa oficial da celebração² é um exemplo deste tipo de retórica:

[A] individualidade de Camões, sendo a mais genuína expressão do genio portuguez e envolvendo pelo character da sua epopeia a mais poderosa affirmação de todas as energias em que se funda a existencia da nossa nacionalidade é por esse facto o mais alto symbolo patriotico que se pode propôr á estima dos corações portuguezes.

O tricentenário de um poeta considerado dos maiores da Renascença europeia teve, compreensivelmente, grande impacto no resto da Europa (e não só). Concentrando-nos em Inglaterra, vemos que na época foi grande o número de artigos de imprensa, conferências, homenagens e traduções referentes ao poeta quinhentista português. A imagem de Camões veiculada pelas manifestações inglesas é diferente daquela transmitida pelas comemorações portuguesas: se, em Portugal, Camões se quer o catalizador dum ressurgimento nacional (associado a uma mudança de regime pelos sectores republicanos), em Inglaterra não deixa de ser o símbolo da decadência dum país que não soube dar o devido valor ao grande génio *europeu* que Camões foi.³ Europeu, precisamente: a tónica das comemorações em Inglaterra era o carácter europeu do Shakespeare português. Cada país estava a comemorar-se a si próprio, ao comemorar Camões.

Seja como for, teria sido natural que as manifestações em países estrangeiros encontrassem eco na imprensa portuguesa, o que não deixou de ser verdade, muitas vezes com alguns comentários irónicos sobre a parcialidade das referências estrangeiras a Camões. Dado o elevado número de manifestações inglesas sobre a figura camoniana na época, o lógico seria aparecerem referências repetidas a tais manifestações, até porque a Inglaterra havia desempenhado um papel importante na História portuguesa, tão presente na mente dos portugueses de 1880. Além disso, a existência duma significativa comunidade inglesa em Portugal suporia a participação da mesma nas comemorações, com respectivas referências na imprensa, tão inclinada a verificar e aplaudir a participação das várias corporações e comunidades da sociedade portuguesa nessa comemoração do Bardo português.

² *Programma da Celebração em Lisboa do Terceiro Centenário de Luiz de Camões.*

³ Veja-se, a este propósito, Ramos.

Partindo dessa hipótese, vejamos as referências que os jornais portugueses fizeram a Inglaterra no contexto das comemorações camonianas de 1880. Tendo em conta que a multiplicidade de títulos publicados escondia uma fragmentação do público leitor bastante acentuada, concentrar-nos-emos em jornais com tiragens significativas, tomando-os como amostra.⁴ Grande parte das referências consiste em menções de artigos publicados nos jornais ingleses no âmbito das comemorações. Por exemplo, no *Diario de Noticias* de 23 de Maio aparece a seguinte referência:

No *Times*, do dia 14 de maio, apareceram dois calorosos artigos acerca do centenario de Camões; o primeiro é extenso, eloquente e considera o poema de Camões como profundamente nacional, e um dos factores mais poderosos da autonomia portuguesa. A festa do centenario de Camões é uma festa da civilização europeia, e o *Times* espera que os escriptores dos diversos paizes visitem Lisboa no dia 10 de junho. No segundo artigo ha uma pequena biographia de Camões em que os erros são compensados por uma comprehensão do typo geral e do seculo XVI.⁵

Noutros jornais aparecem traduções de artigos ingleses, sem grandes comentários. Já a presença de ingleses nas comemorações dá azo a referências, marcadas sobretudo pela explicação da sua ausência enquanto comunidade e pelas hipóteses de participações (que não chegam a ser desenvolvidas). O *Diario de Noticias*, no dia 1 de Junho de 1880, refere-se a uma *probabilidade*:⁶

Diz o *Army & Navy Gazette* que provavelmente parte da esquadra ingleza do Mediterraneo vem ao Tejo tomar parte nos festejos do tricentenario.

⁴ Nomeadamente, o *Diario de Noticias* (considerado o jornal mais importante), o *Diario Illustrado* (considerado próximo da opposição) e o *Diario Popular* (considerado próximo do governo do Partido Progressista). Consultámos ainda *A Revolução de Setembro* e outros jornais menos importantes, referidos na bibliografia. Infelizmente, jornais importantes como *O Século*, apenas começaram a ser publicados depois de 1880, o que não nos permite verificar a perspectiva sobre Inglaterra dos jornais que maior destaque tiveram na redefinição pela negativa das relações anglo-portuguesas por altura do Ultimatum.

⁵ Repare-se na referência às comemorações como “festa europeia”. Os portugueses da época terão interpretado tal referência como elogiosamente integradora de Portugal no conjunto europeu (o que explica a citação indirecta de tal referência pelo jornal); hoje, à distância, conseguimos interpretá-la como uma forma inglesa de puxar Camões para fora do redil dum país visto como decadente.

⁶ Repare-se como, aliás, esta referência é apenas mais uma a um jornal inglês.

No *Diario de Noticias* de 13 de Junho de 1880 explica-se o porquê da não participação da colónia inglesa enquanto tal nas comemorações:

No prestito civico triumphal de quinta-feira vimos varios subditos inglezes, aggregados a diversas associações e corporações nacionaes. / Sabemos que a colonia ingleza não se fez representar em separado pelos motivos indicados nas resoluções abaixo citadas, votadas n'uma reunião publica que se realisou no dia 9 do corrente para deliberar sobre a resposta, que se deveria dar ao convite, que a commissão executiva da imprensa lhe dirigiu. / As resoluções a que nos referimos foram as seguintes: [...] / 2.^a Que os subditos de sua magestade britannica, residentes em Lisboa, comquanto muito desejosos de contribuir para honrar a memoria do grande epico portuguez, e testemunhar a sua muita affeição e respeito por um paiz ao qual se acham ligados por tão estreitos laços de amisade, antiga alliança, e interesses commerciaes, são todavia de opinião, que, havendo muitos subditos inglezes resolvido tomar parte n'esta grande demonstração nacional, na qualidade de membros das diversas associações e corporações portuguezas, a que pertencem, uma demonstração em separado, e do modo que a colonia ingleza desejaria realisar-a, é impossivel na hora adiantada em que os preparativos se encontram. [...]

Estas referências, longe de constituírem prova da presença do velho aliado nos periódicos portugueses no que se refere ao Tricentenário, ajudam a dar a impressão a quem os lê, pela raridade com que aparecem, duma certa ausência de Inglaterra nos relatos da imprensa portuguesa da época. Mas apenas podemos avaliar tal ausência comparando-a com a presença de outros países na mesma imprensa. Façamos um exercício de contraste, iniciando-o com as referências a traduções e estudos estrangeiros sobre Camões. Sobre as traduções inglesas da obra camoniana, que foram em grande número nesta época, devido às comemorações, encontramos várias, embora sucintas, referências. Vejamos, por exemplo, o que diz o *Diario de Noticias* do dia 15 de Abril de 1880, referindo-se a Burton e Aubertin, dois dos tradutores de Camões:

O explorador, capitão Ricardo Burton, já concluiu a tradução dos *Lusíadas*, que será publicada brevemente em Londres. [...] Burton e Aubertin t]encionam vir para Lisboa para tomar parte nas festas do Centenario. Consta que estão occupados em juntamente traduzirem os sonetos de Camões e provavelmente publicarão alguns trechos na occasião do centenario.

A tradução de Robert Duff, outro dos tradutores de Camões desta época, foi recebida na Academia de Ciências, facto assinalado com um laconismo evidente (*Diario de Noticias*, 5 de Março de 1880):

Foi recebida com muitos agradecimentos a tradução ingleza dos *Luziadas*, pelo sr. Roberto Duff. Este livro foi enviado á segunda classe a fim de ter parecer.⁷

A imprensa portuguesa mostrava-se conhecedora das traduções inglesas de Camões (e, aliás, dos movimentos dos tradutores); no entanto, nota-se um maior entusiasmo, por exemplo, na referência das traduções castelhanas, neste texto do *Diario de Noticias* (24 de Maio):

O sr. Luiz Vidart, distincto litterato hespanhol, publicou em um dos ultimos numeros da *Revista contemporanea* (15 de maio) uma interessante noticia sobre as traducções castelhanas dos *Lusiadas*. A Hespanha foi o primeiro paiz que rendeu homenagem ao nosso epico; quando appareceu a primeira traducção franceza e a primeira italiana, já havia tres hespanholas. A admiração da Hespanha por Camões não diminuiu nunca até hoje.

A referência às primeiras traduções francesa e italiana não é acompanhada da referência à de Fanshawe — a primeira tradução inglesa d'*Os Lusíadas* —, como seria de esperar, tendo em conta as relações estreitas entre Portugal e Inglaterra.

Note-se ainda a forma como se elogia um estudo alemão sobre Camões (*Diario de Noticias*, 12 de Maio de 1880):

O sábio alemão, doutor Carl von Reinhardstoettner, que tanto honra a lingua e a litteratura portugueza, está escrevendo para o centenário de Camões um ensaio sobre os *Amphytriões* do nosso immortal poeta, comparados com a comedia de Plauto e com outras modernas. Este illustre escriptor, cioso da nossa gloria como os mais patriotas de entre nós, publicou, no n.º 4 do *Litteraturblatt fur germ. und rom. Philologie*, dois artigos interessantissimos, defendendo n'um d'eles a nação portugueza [...].

⁷ No dia 12 de Março, no mesmo jornal, volta a haver uma referência a esta tradução, sendo os leitores informados de que ela constitui a candidatura de Duff para o estatuto de sócio da Academia de Ciências. No dia 31 de Maio, há uma referência à forma como um crítico americano viu esta mesma tradução.

Contraste-se a forma elogiosa como o intelectual alemão é referido com a maneira fria com que se descrevem as traduções inglesas.

Continuando o nosso exercício de contraste, vejamos as referências às participações estrangeiras nos festejos do dia 10 de Junho. Por exemplo, *O Diario Popular*, no dia 12 de Junho, descreve como a imprensa portuguesa e estrangeira depuseram coroas de flores junto à estátua de Camões durante o cortejo cívico. Repare-se nas referências a Espanha e ao Brasil e na ausência de referências à Inglaterra:

Os jornalistas estrangeiros e a comissão executiva da imprensa portuguesa, acompanhada por grande numero de collegas, dirigiu-se ao monumento junto de cujo pedestal depuseram um grande numero de corôas, entre as quaes se notavam duas de muito gosto da imprensa hespanhola, uma do gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, outra do *Diario de Noticias*, etc. A comissão da imprensa e os jornalistas portuguezes ao sahirem da Praça de Camões, passaram pelo consulado hespanhol e deram vivas á Hespanha, a Cervantes, á imprensa hespanhola, que foram correspondidos pelas senhoras e cavalheiros que estavam nas janellas do consulado com outros vivas a Portugal.

O *Diario de Noticias* do dia 12 de Junho de 1880, ao descrever os acontecimentos do dia do tricentenário, refere de forma lacónica a presença de Aubertin (tradutor d'*Os Lusíadas*) nos festejos. As referências a Inglaterra ficam-se por aí, se exceptuarmos a sua inclusão na listagem de países onde as comemorações camonianas tiveram eco (sem que estas fossem explicitadas) e a referência à presença no cortejo dos mestres da Fábrica de Loiça Inglesa de Sacavém. Note-se ainda o seguinte extracto do mesmo número, onde não se fazem referências nem ao inglês nem a Inglaterra:

Durante o trajecto foram lançadas sobre a corporação dos jornalistas grande numero de flores e poesias em francez, hespanhol e portuguez. Os vivas ressoavam de varios pontos e com mais calor e ardencia ao passarem diante do consulado hespanhol [...]; e iguaes demonstraões se fizeram à marinha franceza [...]; aos Estados Unidos e ao Brazil perante os respectivos consulados.

Será no contraste com a atenção dada à Espanha e à França (inimigos militares de Portugal durante vários períodos da sua História) que a indiferença em relação à Inglaterra se torna mais palpável. A Espanha, por exemplo, recebe grande destaque na

descrição feita pelos periódicos do cortejo do dia 10 de Junho (para não falar das múltiplas referências às relações ibéricas, traduções de jornais madrilenos e catalães — muitas vezes com alguma ironia —, poemas de poetas espanhóis, etc.). O *Diario de Noticias* de 7 de Maio de 1880 (e, aliás, vários outros jornais) noticia a participação de vários poetas espanhóis na publicação comemorativa *Portugal a Camões*. O *Diário Popular* de 10 de Junho publica um extenso artigo ligando Camões a Cervantes. Em relação à França, vários jornais transcrevem telegramas vindos de França assinalando a data, dão relevo às palavras de Vítor Hugo referindo-se a Camões, transcrevem inclusivamente (*Diario de Noticias*, 16 de Junho) uma homenagem a Camões em provençal. Referências equivalentes em relação a Inglaterra e a ingleses são quase inexistentes nos jornais analisados. São referidos países menos importantes, como se pode ver, por exemplo, no *Diario de Noticias* de 21 de Maio de 1880, numa referência a um estudioso norueguês:

Espera-se que venha assistir às festas do centenario o illustre professor da universidade de Christiania (Noruega), Johan Storm, um dos philologos estrangeiros que conhecem mais a fundo o hespanhol e o portuguez. [...]

Nos dias seguintes ao centenário, os jornais portugueses publicaram vários artigos sobre as comemorações no estrangeiro. A primeira página d'O *Diário Popular* de 12 de Junho de 1880 fala de comemorações em Paris e Madrid:

MADRID, 10 [...] — [...] Esta noite no conservatorio [de Madrid] realisa-se uma festa em honra do poeta lusitano. [...] / PARIS, 10 — Realisou-se hoje no salão Hertz a festa litteraria e artistica em honra do tri-centenario de Camões [...]

Não há, no mesmo dia, referências à Inglaterra. No dia seguinte, sob o título “O centenario de Camões no estrangeiro” referem-se acontecimentos e comunicações congratulatórias no Brasil, Suécia e França. Mais uma vez, a Inglaterra aparece no número do dia apenas em contextos fora do centenário camoniano.

Na imprensa portuguesa e no contexto camoniano, a Inglaterra está presente, sobretudo, na publicação de poemas em inglês, quase sempre em publicações sem grande difusão, entre outras referências oblíquas às relações anglo-portuguesas. A título de curiosidade (mas bastante significativo), o Real Colégio Luso-Britânico do Funchal publicou no dia do centenário um jornal comemorativo (*Luiz de Camões*) sem que se aludisse às

relações anglo-portuguesas de forma directa. Ou seja, as referências a Inglaterra pautavam-se pela escassez.

Embora o nosso universo de estudo não tenha sido completamente escrutinado (tendo em conta o número de periódicos — maioritariamente regionais — publicados na altura), o desfasamento entre as referências a Inglaterra e aos outros países nos jornais na amostra que usámos chega-nos para concluir que a Inglaterra prima pela ausência na imprensa portuguesa, no que se refere às comemorações do tricentenário de Camões. Tal ausência não se explica pela hostilidade, nem sequer pelo encobrimento voluntário da questão: afinal, *existem* referências; a sua exiguidade apenas se torna visível ao compará-las com as referências a outros países estrangeiros. Como explicar então tal comportamento por parte da imprensa? Sem cairmos na tentação de o explicar pela conhecida diferença entre as relações políticas e militares entre Portugal e Inglaterra e o real sentimento de comunhão e conhecimento entre os dois povos, façamos um pequeno apanhado das relações anglo-portuguesas à época para que consigamos enquadrar melhor tal fenómeno, de forma a tentar explicá-lo.

Longe dos conturbados tempos do Ultimatum, uma década mais tarde, as relações entre Portugal e Inglaterra caracterizavam-se ainda, na retórica oficial, pela complementaridade de objectivos. Veja-se a descrição das palavras do Ministro de Inglaterra na Sociedade de Geografia, no *Diário de Notícias* de 19 de Março de 1880, no contexto das expedições portuguesas em África:

O sr. Morter, ministro de Inglaterra: — [...] Depois alludiu ao serviço e aos heroismos dos exploradores, cumprimentado ainda os ministros presentes, o pae a mae e a ama da expedição portugueza, referiu-se á questão da civilização africana, á solidariedade de interesses entre Portugal e Inglaterra [...].

No entanto, após a tentativa falhada de ratificar o tratado de Lourenço Marques⁸ (que tratava das questões da construção

⁸ Repare-se, no entanto, o que publicou a *Correspondencia de Hespanha* no dia 11 de Junho de 1880, num artigo traduzido no *Diário Illustrado* poucos dias depois, referindo-se à suspensão do Tratado de Lourenço Marques: “Não sei se este incidente originará algum resfriamento de relações com a Inglaterra, por isso que o gabinete de Londres não poude ver com gosto que uma negociação prolixa e laboriosissima, mas de incalculaveis vantagens para o seu commercio e para o seu poder crescente na Africa, ficasse letra morta, tendo de esperar occasião mais favoravel para fazer prevalecer o seu ideal n'este delicado assumpto, porque não é presumivel que renuncie a essas vantagens para sempre.”

da linha de caminho de ferro de Lourenço Marques por parte da Inglaterra, dentro dum espírito de cooperação e troca de interesses) defendida pelo ministro Andrade Corvo⁹ (já fora do governo durante o centenário), a opinião pública portuguesa começou a encarar, embrionariamente, a relação luso-britânica em África como uma relação de competitividade, tendendo a ver as acções do governo português face à Inglaterra como cedências inadmissíveis. A complementaridade da acção dos dois países começava-se a tornar impossível, num contexto de crescente nacionalismo em Portugal (e em toda a Europa). Este nacionalismo começava a escapar à habitual retórica do rotativismo português da segunda metade do século XIX. Como diz Alexandre (108), “o nacionalismo não era neste caso somente uma flor de retórica da oposição: tratava-se antes de uma corrente de fundo, que se fazia sentir nos vários partidos ... e que tocava os sectores populares urbanos”. Apesar de o Partido Progressista, que estava na oposição aquando da assinatura do referido tratado, o ter aceiteado quando ascendeu ao governo em 1879, os republicanos — fora do sistema rotativista — continuaram a insistir na sua recusa e a adoptá-lo como exemplo das práticas lesa-pátria dos partidos monárquicos. Ou seja, as relações com a Grã-Bretanha começavam a ter um papel importante na forma como a política interna portuguesa se configurava. Além deste contexto interno, convém assinalar que o que viria a ser chamado posteriormente *scramble for Africa* dava já os primeiros sinais naquele início da década de 80: aliás, são muitas as referências às viagens de Capelo e Ivens e de Serpa Pinto nos periódicos portugueses do primeiro semestre desse ano, quando as atenções estavam já muito voltadas para o centenário de 10 de Junho.¹⁰ Se formos mais atrás, vê-se como em Janeiro de 1979, *O Diário Popular*, ao transcrever um texto enviado à Câmara dos Deputados por um *meeting* relacionado com o Partido Progressista (então ainda na oposição), se refere às aventuras africanas:

Entre os grandes factos historicos que assignalam a segunda metade do seculo XIX, é sem contestação um dos mais salientes, esse esforço persistente e animoso a troco do qual se pretende conquistar para o dominio da sciencia e da civilisação, o grande continente africano.

⁹ Andrade Corvo defende a aproximação à Inglaterra como “simultaneamente garante da independência na Península e da ocupação do império” (Telo 30).

¹⁰ Veja-se, apenas como exemplo, o *Diário de Noticias* de 3 de Março de 1880.

Se a retórica oficial sobre a Aliança encontrava eco na imprensa, esta começava a dar atenção às relações anglo-portuguesas no contexto africano, o que denotava uma preocupação latente com os desenvolvimentos dos acontecimentos nesse continente. Se o centenário, de cariz mais emocional e simbólico, foi o campo duma indiferença já acentuada e significativa, nota-se um acentuado contraste no que se refere a notícias sobre a Inglaterra fora do contexto do centenário. Os jornais portugueses, longe de estarem a “esquecer-se” de Inglaterra, estavam afinal bastante atentos aos movimentos do velho aliado — tanto internos como externos, principalmente no continente onde os seus interesses podiam vir a colidir com os portugueses.¹¹ Aparecem em vários pontos notícias inglesas¹² e referências aos tratados entre Portugal e Inglaterra. Por exemplo, *O Diário Popular*, próximo do governo da época (do Partido Progressista), cita, no dia 13 de Junho de 1880, um artigo do *Primeiro de Janeiro*, em que se afirma que as dificuldades do governo provêm do legado deixado pelo anterior, continuando:

As dificuldades... derivavam das negociações do tratado relativo a Lourenço Marques.

Como se vê, as relações anglo-portuguesas não estavam fora dos pensamentos dos organizadores do centenário camoniano (a imprensa), tendo sido um dos motivos da sua organização, como salienta Teresa Pinto Coelho: “... Camões’ Jubilee was designed as a response to the Lourenço Marques’ Treaty”.

Após a análise das relações anglo-portuguesas na época e tendo analisado a forma como a Inglaterra foi referenciada no contexto das comemorações do Tricentenário, podemos dizer que este período foi, no contexto das relações anglo-portuguesas,

¹¹ A título exemplificativo, repare-se na notícia de um incidente em Angola, do *Diário de Notícias* de 6 de Março de 1880: “Alguns ingleses, que andavam na margem do Cunene, mandaram ao Humbe um mensageiro á busca não se sabe de que, o que sabido pelos d’ali, o maltrataram e espancaram, tendo elle que fugir [C]om a precipitação da fuga, ou por qualquer outra causa, morreu Os ingleses, em numero de vinte e tantos, vieram então ao Humbe para vingar a morte do seu mensageiro, e atacaram umas quinze libatas, reduzindo-as a cinzas e matando vinte e tantas pessoas. Parece que estavam dispostos a continuarem, se os negros não pedem aos portugueses para se entenderem com os ingleses Os ingleses cessaram as hostilidades exigindo 150 bois ... dizendo que se lhe não mandarem os restantes em um certo praso, voltariam ali e fariam ainda peor.”

¹² As notícias sobre as negociações sobre os vinhos envolvendo a Inglaterra aparecem frequentemente nos periódicos da época. Só como exemplo, no dia 13 de Junho, o *Diário de Notícias* tem um texto em título destacado (raro) intitulado “Discussão sobre os vinhos em Inglaterra”.

um período charneira em que a indiferença irá dar lugar ao ódio pouco tempo depois. Aliás, as diferenças de tratamento das comemorações camonianas nos periódicos ingleses e portugueses mostram, olhando a partir da nossa perspectiva privilegiada, como as coisas iriam evoluir dali a poucos anos: se no Ultimatum os acontecimentos do Mapa Cor-de-Rosa permitiram ver como a opinião pública de ambos os países encarava tais relações (de forma simetricamente oposta, como se sabe), a maneira como os dois povos encararam as comemorações camonianas tinha em si as sementes do que viria a seguir: os portugueses viam Camões como o catalizador da recuperação nacional e os ingleses como a prova da decadência dos povos pioneiros da exploração marítima mas, simultaneamente, da superioridade e legitimidade *européia* (leia-se: inglesa) para fazer tal exploração. Vislumbra-se nestas atitudes diferentes a tese dos direitos históricos com que Portugal tentará justificar o Mapa Cor-de-Rosa e a tese inglesa da eficácia para prosseguir a gesta europeia cantada por Camões, para a continuação da qual os Portugueses não tiveram forças. Se, para Portugal, Camões simboliza algo que se quer recuperar, para a Inglaterra, simboliza a forma como os portugueses iniciaram a aventura expansionista (cantada por Camões) mas não a souberam nem aproveitar nem terminar (facto provado pela falta de reconhecimento do génio europeu de Camões e pela perda da independência com a morte deste), cabendo aos ingleses fazê-lo.¹³

Concluindo: iniciámos o nosso estudo propondo a hipótese mais provável em relação à presença inglesa na imprensa portuguesa no contexto das comemorações do tricentenário de Camões — que tal presença se suporia grande e largamente assinalada, tendo em conta o ambiente de reflexão sobre a História de Portugal e o papel importante de Inglaterra na mesma. Através dum exercício de contraste entre a presença britânica e a de outros países no *corpus* escolhido, foi possível chegar à conclusão de que a magnitude de tal presença não se

¹³ Mickle, um dos tradutores de Camões em Inglaterra, tinha já expressado este aproveitamento inglês da obra camonianiana, tão cedo como 1776. Ramos explica tal aproveitamento: “Com efeito, o momento histórico da edificação do Império Britânico favorecia a leitura de um poema narrativo das experiências vividas pelo povo português, igualmente marcado por uma forte tradição marítima. Contudo, se fosse lido como uma epopeia nacional portuguesa, o apelo ao leitor britânico seria com certeza menor. Por isso, utilizando um hábil jogo de semelhanças e de contrastes, Mickle glorifica o domínio britânico da Índia. Ao salientar os elementos comuns entre os dois povos, ou seja, a descoberta dos mares, a construção de impérios e a divulgação da civilização, o autor alerta para o declínio do comércio português, afirmando que a Grã-Bretanha poderia beneficiar com o conhecimento dos erros cometidos por Portugal.”

confirma. Quais serão as razões de tal fenómeno, se, no primeiro semestre de 1880, não há hostilidade declarada entre Inglaterra e Portugal, como haveria em 1890? A resposta a esta questão envolve o nacionalismo crescente em Portugal e em toda a Europa, nacionalismo que se liga às questões africanas. Afinal, o sentimento de recuperação nacional — tão importante no contexto das comemorações do Tricentenário — teria de estar inevitavelmente ligado à noção de Império: como afirma António José Telo (20-21), “[u]m país pequeno e humilhado, com um profundo complexo de inferioridade, agarra-se aos amplos espaços africanos que a relação de forças das potências europeias lhe deixou como forma de esquecer a realidade da sua fraqueza relativa e, sobretudo, como uma promessa da sempre procurada grandeza futura”. A Inglaterra, que começava a ser vista como um rival neste espaço de reafirmação nacional, é vítima, na imprensa portuguesa da época, duma certa indiferença, espécie de demarcação ou reserva mental, provada pelas referências constantes a acontecimentos ingleses desligados das comemorações e pelas parcas referências a Inglaterra no contexto desse assunto mais emocional e ideologicamente marcado que foi a comemoração do tricentenário da morte de Camões. Se é fácil para nós vermos um seguimento lógico desta indiferença no ódio anti-britânico de 1890, para os olhos da época esta só pode ser explicada por uma espécie de intuição de problemas futuros, uma matemática mental que adiciona o nascente entusiasmo dos dois povos por África, um crescente nacionalismo e um certo choque de interesses nesse mesmo território (choque ainda mascarado de complementaridade, apesar dos primeiros indícios do mesmo serem já salientes, a começar pelo Tratado de Lourenço Marques). Seja como for, as diferentes perspectivas sobre Camões, expressas nos periódicos da época, mostram as sementes dum desencontro total dez anos depois. Portugal e Inglaterra estavam em rota de colisão e, mesmo não o sabendo, notava-se já o início da reserva e polidez diplomática características das relações tensas.

Nota: Este artigo é uma versão revista do trabalho final realizado pelo autor no âmbito do seminário de Estudos Anglo-Portugueses do Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Fevereiro de 2003, orientado pela Prof.^a Doutora Teresa Pinto Coelho.

OBRAS CITADAS

Periódicos:

- AA. VV. [Documento enviado à Câmara dos Deputados]. *O Diário Popular* 19 de Janeiro de 1879.
- Amorim, Francisco Gomes. Sem título ["*O sábio alemão...*"]. *Diario de Noticias* 12 de Maio de 1880.
- "Academia das Sciencias". *Diario de Noticias* 5 de Março de 1880.
- "As festas do centenario de Camões no dia 10". *Diario de Noticias* 12 de Junho de 1880.
- "Discussão sobre os vinhos em Inglaterra". *Diario de Noticias* 13 de Junho de 1880.
- "O 10 de Junho". *O Diário Popular* 12 de Junho de 1880.
- "O centenario de Camões no estrangeiro". *O Diário Popular* 12 de Junho de 1880.
- "Sociedade de Geographia". *Diario de Noticias* 12 de Março de 1880.
- Sem título ["*Alguns inglezes...*"]. *Diario de Noticias* 6 de Março de 1880.
- Sem título ["*Diz o Army & Navy Gazette...*"]. *Diario de Noticias* 1 de Junho de 1880.
- Sem título ["*Espera-se que venha...*"]. *Diario de Noticias* 21 de Maio de 1880.
- Sem título ["*Lê-se na Correspondencia...*"]. *O Diário Popular* 13 de Junho de 1880.
- Sem título ["*Madrid, 10, á noite*"]. *O Diário Popular* 12 de Junho de 1880.
- Sem título ["*No prestito civico triumphal...*"]. *Diario de Noticias* 13 de Junho de 1880.
- Sem título ["*No Times, do dia 14 de Maio...*"]. *Diario de Noticias* 23 de Maio de 1880.
- Sem título ["*O explorador, capitão Ricardo Burton...*"]. *Diario de Noticias* 15 de Abril de 1880.
- Sem título ["*O redactor da Correspondencia de Hespanha...*"]. *Diario Illustrado* 16 de Junho de 1880.
- Sem título ["*O sr. Luiz Vidart...*"]. *Diario de Noticias* 24 de Maio de 1880.

Outros Textos:

- AA. VV. *Programma da Celebração em Lisboa do Terceiro Centenário de Luiz de Camões*. Lisboa: Typographia Universal, 1880.
- Alexandre, Valentim. "A Questão Colonial no Portugal Oitocentista". *Nova História da Expansão Portuguesa. Volume X. O Império Africano (1825-1890)*. Dir. Joel Serrão et al.

- Lisboa: Estampa, 1998.
- Catroga, Fernando. "Ritualizações da História". *História da História de Portugal. Séculos XIX-XX. Da Historiografia à Memória Histórica*. Luís Reis Torgal et al. s/l: Temas e Debates, 1998.
- Coelho, Maria Teresa Pinto. "The Portuguese Discoveries in Late-Nineteenth Century England and the African Question". *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, 6-8 de Maio de 2001*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses, 2001.
- Macedo, Jorge Borges. "Camões — símbolo e mito no século XIX Português: da erecção da estátua ao Tricentenário (1867-1880)". *História de Portugal, vol. VIII — O Portugal Liberal*. João Medina. Madrid: S.A.E.P.A., 1995.
- Ramos, Iolanda Freitas. "Imagens Inglesas de Camões". *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, 6-8 de Maio de 2001*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses, 2001.
- Telo, António José. *Lourenço Marques na Política Externa Portuguesa (1875-1900)*. Lisboa: Cosmos, 1991.